

## **Das ruas: uma busca por estratégias e táticas de manifestação e repressão que ressignificaram o espaço urbano**

### ***From the streets: a search for manifestation's and repression's strategies and tactics that reframed the urban space***

Prof. Frederico Canuto; Nina Lavezzo de Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais

**Resumo:** As cidades regradas sempre foram um meio de domesticar o corpo coletivo. Contudo, a compreensão do espaço produzido é ressignificada através de processos rebeldes de ocupação urbana. Como protestos, por exemplo, os ocorridos em 2013 nas cidades brasileiras, transformam nosso entendimento do espaço que vivemos cotidianamente? Através da análise das estratégias e táticas utilizadas tanto por manifestantes quanto por policiais durante protestos de grande porte, o presente trabalho procura responder essa pergunta e catalogar os meios de luta para manter ou reivindicar o espaço urbano. Desenhos esquemáticos foram produzidos para ilustrar a nova formatação do espaço criada quando métodos de protesto e de repressão acontecem. Nossas referências variam de filmes a livros teóricos, com o intuito de esclarecer a relação direta entre ocupações do espaço público (ou de uso coletivo) e o urbanismo.

**Palavras-chave:** Urbanismo; Jornadas Junho; Estratégias; Táticas; Espaço urbano.

## **INTRODUÇÃO**

Desde 2013, a cidade de Belo Horizonte e todas as cidades balançadas pelas Jornadas de Junho passaram por uma mudança simbólica paradigmática de horizonte do que é uma cidade e o que ela significa. Se a cidade era contada como lugar da memória, do lazer, do trabalho, do dormir, através de narrativas romantizadas pela mídia e cultura do espetáculo em geral, com a disputa pela rua, ela se tornou local de luta pelo direito a ela mesma. Tal mudança está expressa na vida cotidiana, seja em manifestações, carnavais de rua ou mesmo pessoas frequentando mais o centro. Por outro lado, mídia e Estado seguem tentando transformar conflitos complexos e multifacetados em disputas binárias entre um e outros.

E isso não é novo. A disputa pelo direito à cidade surge desde o momento em que a cidade tornou-se centro nevrálgico da vida moderna, ao longo do século XIX na Europa e XX no restante do mundo. A partir da década de 1950, o direito à cidade é tema recorrente do ponto de vista teórico. O filósofo francês Henri Lefebvre conceitua o direito à cidade, em sua obra homônima de 1965, como um direito ao excedente, ao excesso, ao que escapa o utilitário. O geógrafo David Harvey, numa leitura do filósofo francês, coloca em livro publicado mais recentemente:

"O direito à cidade está muito longe da liberdade individual de acesso a recursos urbanos: é o direito de mudar a nós mesmos pela mudança da cidade. Além disso, é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização. A liberdade de construir e reconstruir a cidade e a nós mesmos..." (HARVEY, 2008, p. 74).

Assim, a transformação de "nós mesmos" implícito no conceito de direito à cidade descrito acima por Harvey acima passa por uma politização da própria questão urbana que, por sua vez, envolve disputas de poder efervescentes entre os diferentes agentes produtores do espaço social. Como Henri Lefebvre e muitos outros estudiosos da vida urbana já discutiram e colocam continuamente em relevo, a gênese da cidade moderna e sua permanência como centro pulsante da vida e da possibilidade de mudança da mesma é produto e movimento de produção de um espaço socialmente vivido baseado no conflito: étnico, racial, de gênero, de classes, econômico, ecológico.

Tomando como ponto de partida o que foi experienciado e exposto nestas Jornadas de Junho de 2013 nas ruas da cidade, debaixo de viadutos, em passeatas e quebra-quebras, tal conflito fica ainda mais explícito, assim como seu conteúdo político. A disputa pela possibilidade de criar outras e diversas vidas que não somente as capitalizadas pelo mercado é centro da disputa: desde barrar o aumento da passagem de transporte público até o direito de ocupar livremente o espaço público da cidade. E no campo da arquitetura e urbanismo é a capacidade de ocupar e projetar a cidade sem necessariamente recorrer ao desenho prévio e determinista do arquiteto e urbanista que se coloca em questão: o espaço como dado que só pode ser apreendido enquanto socialmente vivido e não como estrutura material inerte. Ou seja, a arquitetura e urbanismo como campos sociais e não apenas materiais. Questiona-se, portanto, o discurso que despolutiza e desconsidera o costume ou hábito de ocupação anteriores ou resultados de um desenho funcionalista do espaço. Sem dúvida o desenho urbano influ

nas estratégias e táticas de manifestações e ocupação da cidade (HARVEY, 2008, p. 76), sem, porém, provar-se essencial para a criação de uma esfera pública ou popular na mesma. Portanto, como coloca o arquiteto Bernard Tschumi ao discutir a relação entre arquitetura e política, concordando inclusive com Harvey e Lefebvre, anteriormente citados, se por um lado "a arquitetura [e o urbanismo] é [são], primeira e principalmente, a adaptação do espaço à estrutura econômica existente. Ela[s] serve[m] o poder já instituído"<sup>8</sup> (TSCHUMI, 1996, p. 5), por outro lado "a própria condição urbana pode ser o meio de acelerar mudanças sociais"<sup>9</sup> (TSCHUMI, 1996, p. 7).

O cerne das Jornadas de junho foi justamente a discussão da vida cotidiana, do desenho renderizado e imaginado transformado, por sua vez, em uma realidade de espaços a serem socialmente vividos na cidade. Independente da qualidade dos espaços ou mesmos dos projetos, o que se assistiu nas ocupações da avenida Antônio Carlos, praça da Estação e outros foi a população tomando para si o poder de redesenhar o espaço, planejando e gerenciando sua ocupação através de seus corpos coletivos e/ou outros materiais, produzindo outros e novos espaços: efêmeros e permanentes. São desenhos de arquitetura não-representativos, mas vividos. Desenhos negociados e conquistados por aqueles que vivem no espaço.

Para a implementação de políticas públicas condizentes com o que ocorre cotidianamente no espaço vivido da cidade, torna-se necessário, desde que a cidade se tornou centro da vida moderna no século XIX, perceber as ações cotidianas de grupos desprivilegiados, os acontecimentos no espaço coletivo e as intervenções e invenções espaciais na cidade não como erros, exceções ou ainda curiosidades, apartadas de uma abordagem arquitetônica e/ou urbanística, mas sim como novos modos de produzir um desenho de arquitetura e urbanismo *in loco*. É a compreensão de um desenho compartilhado criado pela colaboração, pelo fazer, pelo planejamento coletivo e não centrado num poder indiretamente representativo como plantas, cortes e fachadas, que fazem o arquiteto e urbanista distanciarem-se da realidade, transformando-a em representação cartográfica ilusionista. A compreensão de desenho urbano transforma-se, então, de forma de composição espacial que racionaliza, organiza e funcionaliza o espaço, para um processo que agencia e distribui poderes sobre o espaço, transformando

---

<sup>8</sup> Tradução livre de: "... architecture was, first and foremost, the adaptation of space to the existing socioeconomic structure. It would serve the powers in place..." (TSCHUMI, 1996, p. 5).

<sup>9</sup> Tradução livre de: "... the urban condition itself could be a means to accelerate social change" (TSCHUMI, 1996, p. 7).

o território em lugar ocupável e negociável pelos interessados. Este é o horizonte que se vislumbra nessa pesquisa. Desenho não como organizador produtivo do território, mas instrumento de autonomização individual e coletiva.

Interessa-nos aqui mapear estas novas formas de se desenhar territórios, esferas públicas, espaços coletivos, entre outros. Estas têm a capacidade de rever as formas de projetar o espaço por aqueles que detêm o poder e por aqueles que querem reorganizar estas mesmas relações de poder. "O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentidor do poder, são sempre seus intermediários" (FOUCAULT, 2010, p. 26), inclusive através da construção espacial.

Desta forma, o desenho que pesquisamos será aquele gestado e produzido numa escala menor, microscópica segundo o geógrafo Rogério Haesbert (2014, p.162): "(...) micro, de microfísica, afirma Deleuze, deve ser visto como (...) um outro domínio, um novo tipo de relação, uma dimensão de pensamento irreduzível ao saber, de ligações móveis e não localizáveis". Portanto, são diagramas esquemáticos das várias situações encontradas nas batalhas pelo direito à cidade, que em seus contextos político-espaciais criaram novas percepções simbólicas e sensoriais, ressignificando espaços coletivos.

Visto que a forma urbana só se define pelo uso dela, para cartografar tais desenhos-agenciamentos é necessário ver tais as estratégias e táticas em ação. Logo, mais do que a desmontagem destas modalidades organizacionais em pessoas e materiais, é necessário vê-las sendo vividas. Portanto, narrar torna-se um esforço empreendido aqui para catalogar ou produzir não apenas uma historiografia das manifestações, mas um modo de ver em movimento os fluxos e contra-fluxos dentro e a partir das Jornadas de 2013. Mais do que a pretensão de uma explicação científica e distante, objetivando inserir num campo disciplinar o que ocorreu e ocorre, pretendemos através da presente pesquisa expor e produzir narrativas que exponham modos de agenciar ocupações e usos da cidade.

## **METODOLOGIA**

A metodologia desta pesquisa se baseia em quatro eixos principais inter-relacionados: 1) assistir, discutir, mapear e cartografar a partir de documentários sobre manifestações e/ou ocupações os modos como estes se apropriam do meio urbano para

reivindicar determinadas agendas relacionadas ao direito à cidade; 2) registrar na forma de desenhos esquemáticos e *storyboards* as estratégias e táticas utilizadas tanto por manifestantes quanto por policiais nas manifestações e ocupações pesquisadas afim de mostrar o espaço vivido como produto social; 3) pesquisar em bibliografia adequada as relações entre polícia, urbanismo, uso do espaço urbano, guerra e protestos; 4) entrevistar membros participantes de manifestações/ocupações urbanas e a polícia militar. Através desses eixos buscamos documentar como o espaço urbano é utilizado em momentos de conflito e como o conflito em si altera simbolicamente o espaço urbano. Como resultado, produzimos um site<sup>10</sup> que expõem as diferentes técnicas estratégicas e táticas seja da polícia ou de manifestantes.

Primeiramente, a escolha pelo uso do cinema documental se dá pelo fato dele ser um forte instrumento para o estudo das circunstâncias nas quais determinadas situações se desenrolaram, assim como pelo fato da relação entre forma e função em termos de arquitetura e urbanismo, e conseqüentemente espaço, só pode ser compreendido se este mesmo espaço o for em termos de socialmente vivido. Assim, o cinema documental, mais do que testemunho das condições, é instrumento que permite ver a experiência do espaço. Especialmente com a popularização de celulares e câmeras filmadoras portáteis, a realidade do momento é compartilhada em milhões de acesso e pode servir como ferramenta de análise. Utilizando os documentários como bibliografia, portanto, para analisar os movimentos no espaço em outros países durante as manifestações, desenhos ficam claros. As cenas de ocupação urbana foram simplificadas no papel, por meio de esquemas que demonstram as táticas e estratégias utilizadas pela polícia contra os manifestantes e pelos manifestantes contra a polícia. Assim, os desenhos que derivaram dessa técnica demonstram modos de operar sobre a cidade, reprimindo manifestações ou produzindo ocupações do espaço urbano, demonstrando a disputa do espaço da cidade. Os documentários analisados foram: "*The Architecture of Violence*", com Eyal Weizman, sobre a técnica de ocupação israelense na antiga Palestina; "*Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom*", de Evgeny Afineevsky, acerca dos conflitos de 2014 em Kiev, na Ucrânia; "*La Rebelión Pinguina*", de Carlos Pronzato, sobre rebelião dos estudantes secundaristas do Chile em 2006; "*Uprising*", de Fredrik Stanton, documentando as manifestações de 2011 no Cairo, Egito, que foram parte importante da chamada Primavera Árabe; e, finalmente, "*Junho: o mês que abalou o Brasil*", de João

---

<sup>10</sup> Sites produzidos: <https://dapolicia.wordpress.com/> e <https://dacontrapolicia.wordpress.com/>

Vainer, retratando as manifestações de junho de 2013 no Brasil, principalmente em São Paulo.

As referências bibliográficas lidas colocam em evidência a relação entre polícia e a guerra urbana como questões relacionadas à cidade e ao seu planejamento. Utilizando desde obras de filosofia até monografias produzidas pela própria polícia militar e exército, totalmente imbrincados e referenciados entre si, os livros escolhidos usados para guiar a pesquisa se basearam num olhar sobre a relação entre espaço vivido e política. Sendo assim "Em Defesa da Sociedade" do filósofo francês Michel Foucault é central porque coloca como a relação conflitante da política moderna tem consequências espaciais, especialmente se vistas a partir do prisma da guerra que, para o pensador, é característica básica da sociedade atual do controle. "*Architecture and Disjunction*" do arquiteto franco-americano Bernard Tschumi é importante e paradigmático dentro do campo da arquitetura e urbanismo pois abre pontes de contato entre a filosofia política de Foucault e a teoria do espaço vivido a partir de seu uso e programa arquitetônico. Finalmente, o livro "A Invenção do Cotidiano - Vol. I" do antropólogo francês Michel de Certeau, expõe os principais conceitos utilizados na pesquisa para compreensão dos modos de operar tendo em vista um olhar politizado e cotidiano sobre a cidade: estratégia e tática. Além destes, contamos com cadernos doutrinários da Polícia Militar que ensinam as práticas policiais básicas como meio de instrumentalização para a produção dos diagramas e textos.

As entrevistas têm o intuito de: 1) acessar informações seguras e opiniões que não temos acesso, 2) comparar o que é divulgado publicamente e o que é afirmado por quem participa da ação e, finalmente, 3) entender como os indivíduos compreendem o processo de transformação do espaço social do qual são agentes. O processo de organização de questionários e escolha de sujeitos centra-se em dois tipos: de um lado, policiais e de outro, manifestantes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Durante a decupagem dos documentários em forma de desenhos esquemáticos e *storyboards*, produzimos desenhos das táticas e estratégias presentes nos enfrentamentos para ocupação do espaço urbanos retratados na filmografia. A partir do antropólogo Michel de Certeau em sua obra mais conhecida *A Invenção do Cotidiano*,

dois conceitos de fácil assimilação, entendimento e separação foram usados para pensar esse desenho-agenciamento: estratégia e tática.

Estratégia segundo o antropólogo é:

"... o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças: os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc." (CERTEAU, 2007, p.46).

Já tática seria:

"... a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. (...) é movimento 'dentro do campo de visão do inimigo' [...] não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável" (CERTEAU, 2007, p. 100).

Assim, podem-se categorizar as estratégias e táticas vistas, sejam da polícia ou de manifestantes, que objetivam um controle territorial. Enquanto foi possível tomar conhecimento das estratégias pelo uso de helicópteros e na produção de imagens aéreas, as táticas são obtidas por imagens "de perto e de dentro", normalmente associadas aos estudos de etnografia urbana. As categorias identificadas durante as análises dos filmes e entrevistas ainda estão sendo produzidas, isso é, traduzidas em um pequeno texto e imagens esquemáticas que demonstram a concretização das estratégias e táticas no espaço urbano. Algumas delas são<sup>11</sup>:

## **INVADIR**

Invasão é, militarmente, o termo que define a investida de um país contra as fronteiras de outro, adentrando ilegalmente o território, seja com o objetivo de ali manter-se ou não. Corriqueiramente, a palavra significa ocupar ilegalmente o espaço de outrem com o uso da força. Seguimos esta última definição para intitular a tática de

---

<sup>11</sup> Os textos a seguir foram retirados dos sites o <<https://dapolicia.wordpress.com/>> e <<https://dacontrapolicia.wordpress.com/>> , ambos sendo produzidos durante desenvolvimento da pesquisa.

ataque urbano que consiste em adentrar uma propriedade privada (de uso público ou não) para utilizá-la como ponto de ataque ou campo de batalha, sem a autorização do proprietário. De acordo com a descrição, casas, shoppings, estádios privados, condomínios, lojas, entre outros estabelecimentos podem ser palco de invasões.

As invasões podem ser feitas com objetivos de proteção, caso a tropa esteja sendo fortemente atacada, ou estratégico para ataque, quando a localização a ser ocupada apresenta vantagens em comparação com o posicionamento anterior.

Os benefícios de invadir são três: 1) o elemento surpresa; 2) espaços menos vulneráveis, contando com a proteção de paredes ou outros obstáculos, permitindo relativa segurança para recarregar a munição e mirar; e 3) vulnerabilidade do inimigo, pois, especialmente quando se trata da invasão de casas, resta ao inimigo lutar nas ruas, espaço com menos obstáculos para proteção.

No *The Architecture of Violence*, da série *Rebel Architecture*, Eyal Weizman explica uma tática utilizada por soldados israelenses. A invasão é feita quando há batalhas ocorrendo em ruas próximas. Os soldados vão nas ruas paralelas e marcam com um X vermelho os locais nos quais abrirão buracos. Os buracos são feitos nas paredes de casas (sem derrubá-las, porém). Os soldados adentram a casa e correm para o lado oposto dela, que dá para a rua. Esta é exatamente o palco da batalha que estava sendo travada previamente. De dentro das casas invadidas, os soldados atiram para seus inimigos que estão na rua. Caso seja necessário abrir um buraco na casa adjacente também para ser usada como ponto de ataque, os soldados abrem outro buraco a partir da casa invadida para invadir outra casa. Há uma série de casas com cicatrizes deixadas por essa tática. Sobra aos inimigos o espaço da rua, que os deixa bem mais desprotegidos. A rua é também onde ficam os corpos e os feridos das batalhas, assim, se desejam resgatar estes últimos, arriscam-se ainda mais. Até porque não sabe-se com certeza onde estão os soldados, é difícil para os combatentes palestinos mirar corretamente e acertar, afinal os soldados israelenses se locomovem de uma casa para outra ou para a rua da qual vieram inicialmente. Além de tudo isso, a divisão entre público e privado fica nebulosa, dificultando a sensação de segurança de quem mora perto de regiões de batalha – que são, no caso, assentamentos palestinos. [ver figura 1 ilustrando]

## VANTAGEM PELA ALTURA



A tática consiste em ocupar locais mais altos, tendo como vantagens a ampla visão e a facilidade de mira.

Topos de morros, colinas, montanhas, torres, edifícios, viadutos e pontes são espaços estratégicos de vantagem, que permite a quem os ocupa maior controle da situação.

Em *The Architecture of Destruction*, da série *Rebel Architecture*, mostram como Israel posicionou as suas ocupações em terrenos mais altos, que dão uma visão ampla dos grandes vales presentes no território [ver figura 2 ilustrando]. Os assentamentos palestinos ficam nos vales e costumam ser cortados por elementos paisagísticos que funcionam como barreiras, por exemplo pequenos muros feitos com pedras (de cerca de um metro), árvores, arbustos e/ou pastos. Para subir dos vales ou descer para eles, é necessário passar por cancelas que dividem bairros palestinos e israelenses, confirmando a segregação espacial.

Nos protestos ucranianos de 2013-2014, registrados no filme *Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom*, a Berkut (semelhante à tropa de choque, para nós) usou sempre que possível da vantagem pelo espaço. Posicionou-se no topo de escadas que acabavam nas áreas de manifestação e em pontes e elevados ao redor, assumindo posições melhores para atirar e defender-se [ver figura 3 ilustrando]. Mais adiante no conflito, a Berkut posicionou-se no topo de prédios atirando e jogando tijolos: “*não tinham misericórdia*”, disseram manifestantes [ver figura 4 ilustrando].

Na revolução egípcia de 2011, documentada em *Uprising*, logo de início, nos protestos após o assassinato de Khaled Said, os policiais se posicionam na parte alta da praça do Palácio Presidencial (cerca de um metro e meio a mais, em relação ao chão). Mais à frente, apareceram oficiais ocupando elevados e ponte, defendendo sua posição e atirando dali: “*Ou vamos destruí-los ou eles vão embora*”, afirmavam manifestantes. O uso de tanques também permitiu a vantagem por altura, especialmente benéfica para a mira, neste caso. Em determinado ponto, foram colocados *snipers* em cima dos prédios nas saídas da Praça Tahrir: “*tem uma linha vermelha, se alguém cruzar, vão atirar na cabeça dela*”.

## CERCAR

Essa tática consiste em colocar-se em volta do alvo, retirando-lhe as alternativas de fuga. O confronto está necessariamente vinculado a essa prática, pois o propósito pode ser somente impedir que a manifestação fique maior ou que recebam determinados suprimentos (nesse sentido, tem uma função semelhante aos obstáculos). Porém, pode também ser associada ao confronto tendo em vista uma estratégia mais complexa.

Na maioria das manifestações, essa tática é usada para limitar as possibilidades de caminho dos manifestantes, induzindo-os a um caminho ou a outro. Também é muito comum o cercar manifestantes que estão sozinhos e bater neles.

Em *Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom*, a manifestação se concentrava na praça Maidan, a Praça da Independência de Kiev. A Berkut, polícia de Kiev, cercou a praça, impedindo tanto a entrada de mais manifestantes quanto a saída de quem estava na praça. O cerco policial ia fechando-se e quem tentava fugir era espancado com cassetetes (inclusive de ferro). A seguir, os policiais que estavam mais na frente utilizaram de escudos para empurrar quem estava mais na ponta, pressionando-os e espancando-os [ver figura 5 ilustrando]. Nesse caso, portanto, o cercar era parte de uma estratégia maior que impedia a saída de qualquer manifestante, a não ser que passasse por espancamentos ou outras dificuldades.

Nas Jornadas de Junho, no Brasil, retratadas no filme *Junho: O mês que parou o Brasil*, a tática é usada contra manifestantes que estão sozinhos. Nesse caso, juntam-se muitos policiais contra apenas uma pessoa com o intuito de repreendê-las agressivamente, retê-las e direcionar à delegacia ou fichá-las [ver figura 6 ilustrando].

Em *Uprising* a tática utilizada durante os protesto egípcios em 2011 no Cairo tem o mesmo propósito que a citada acima: muitos policiais apreendem uma única pessoa. O intuito é agredir e apreender os manifestantes que foram pegos.

Como as manifestações em Cairo ocuparam a Praça Tahrir (Praça da Liberdade), os policiais egípcios também tentaram utilizar a tática como descrita na Praça Maidan, em Kiev: cercar a praça, impedindo a saída dos manifestantes e repreendendo-os sob o cerco. Contudo, a tentativa foi falha: 1) quando os manifestantes foram capazes de expulsar os policiais da praça; 2) quando eles perceberam a tentativa e fugiram antes que o cercamento circular estivesse completo; 3) quando o bloqueio policial era pequeno em comparação com o tamanho da manifestação, fazendo os policiais, depois de insistência e resistência “pacífica” (sem agressão física) de ambos os lados, abrirem caminho nas ruas.

A polícia egípcia usou o cercar também com o intuito de proteger determinados espaços, prevenindo sua invasão. Foi o caso da primeira manifestação que ia em direção ao Palácio Presidencial. Cercaram o próprio palácio com policiais armados, desarmados e com escudos e com tanques, todos apontados aos manifestantes com a intenção de formar uma barreira coercitiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho em andamento, procuramos recuperar uma das linhas de pesquisa propostas por Foucault em seu curso no Collège de France: o poder como o que reprime os corpos e que usa o espaço como estratégia de dominação (FOUCAULT, 2010, p.15, 17, 39). "É preciso estudar o poder fora do modelo do Leviatã, fora do campo delimitado pela soberania jurídica e pela instituição do Estado; trata-se de analisá-lo a partir das técnicas e táticas de dominação" (FOUCAULT, 2010, p.30). Através da busca por "como as coisas acontecem no momento mesmo, no nível, na altura do procedimento de sujeição, ou nesses processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos" (FOUCAULT, 2010, p.25), produzimos desenhos esquemáticos da transformação espacial durante o conflito e durante o cotidiano.

No entanto, há que se colocar as dificuldades de um empreendimento deste tipo, que vão desde a enormidade de fontes fotográficas e videográficas até o aquecimento do mercado editorial relacionado ao evento Jornadas de Junho de 2013. A emergência de manifestações foi uma novidade no cotidiano brasileiro que, antes sempre pouco documentadas ou estudadas, agora abre-se espaço para a pluralidade de discussões, debates e análises publicados tanto por pessoas comuns e estudiosos, *de fora e de longe* assim como *de perto e de dentro* (usando aqui termos da etnografia urbana). Devido à pluralidade de diferentes modos de apreensão da realidade torna-se um trabalho complexo - se não impossível - abarcar todos os mundos expressos em cada uma das narrativas.

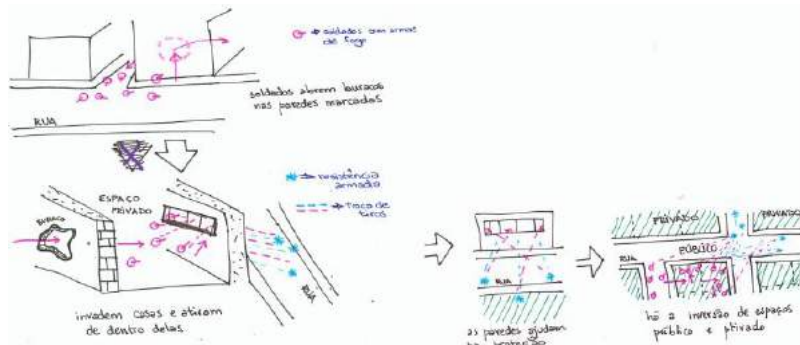
Ao mesmo tempo, há de se sublinhar a descoberta de uma rarefeita bibliografia sobre os modos militares de ocupação da cidade, a qual funciona como base do conhecimento e de práticas policiais no Brasil quando do tema da cidade e a supressão de movimentos sociais e manifestações. Ainda que seja compreensível que a polícia não torna transparente e visível seus modos de operar e suprimir num contexto desigual e

violento como o brasileiro, as barreiras à informação parecem conformar que para a polícia fazer pesquisa é coisa de inimigo. Não deve o pesquisador ter informações sobre os protocolos internos a corporação, sendo que pode-se apenas desconfiar que tais protocolos ou são confidenciais ou apenas passados oralmente, nunca configurando como documento escrito o que poderia se tornar prova de violência policial em situações de uso indevido de força.

Mesmo limitando-se ao material videográfico, este é produzido em excesso, como prova a proliferação de vídeos documentais de manifestações e ações policiais na internet pelas redes sociais e outras plataformas de compartilhamento de grande volume de dados. O auge desse tipo de produção é o grupo Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), cuja epígrafe relembra o caráter comunitário: "todos são NINJA". Escolhemos trabalhar com narrativas mais tradicionais, com teor documentarista filmado mais de longe, por serem menos fragmentárias e com uma estrutura visível mais bem composta. Dessa forma foi possível uma maior clareza dos movimentos, estratégias e táticas perpetradas por cada um dos grupos envolvidos. Reiteramos, porém, que os vídeos mais caseiros e amadores tem um potencial imagético cuja força e experiência estética está ainda para ser estudado por outros pesquisadores em diferentes e outros campos disciplinares.

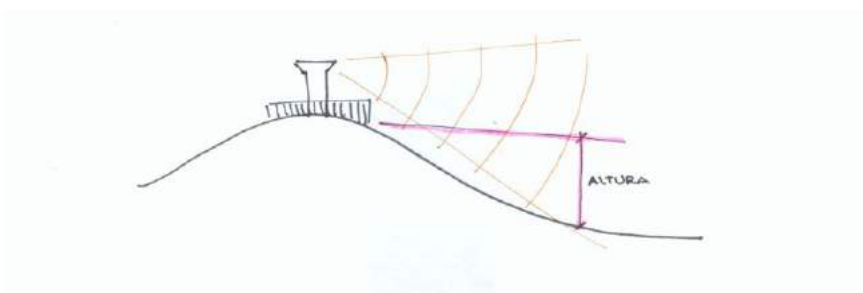
Já quanto à diversidade de livros publicados sobre a questão a partir das Jornadas de Junho de 2013, nenhum deles se deteve às manifestações do ponto de vista da ocupação urbana *in loco* ou a partir de uma perspectiva arquitetônica e/ou geográfica, expondo como lugares foram ocupados, o porquê da escolha de certos espaços em detrimento de outros (por que uma avenida e não uma rua? Por que pouco foi falado sobre manifestações na periferia da cidade de BH?) e a relação entre forma e uso dos espaços antes e durante manifestações. Nossa pesquisa busca um viés sócio-espacial de perto e de dentro, afastando-se da tendência da maioria dos autores sobre o tema em tecer considerações a partir de uma categoria sócio-política, e focando na retratação e análise do que ocorreu.

FIGURA 1



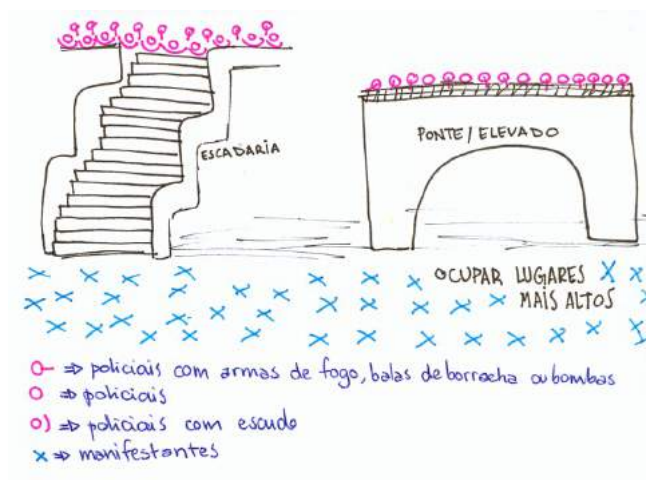
Desenho esquemático produzido durante a pesquisa ilustrando "invadir" (3.i).

FIGURA 2



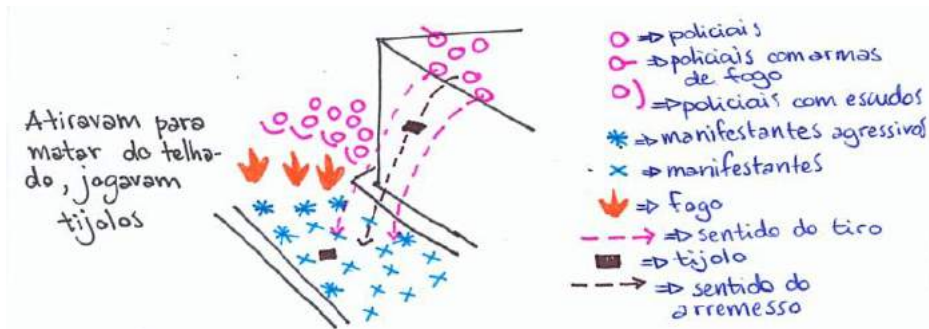
Desenho esquemático produzido durante a pesquisa ilustrando "vantagem pela altura" (3.ii).

FIGURA 3



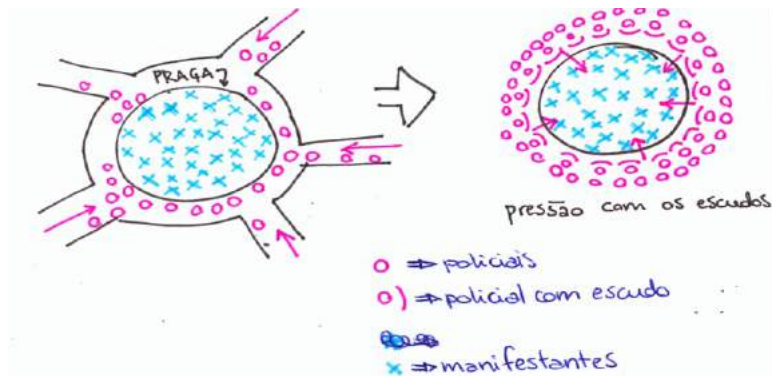
Desenho esquemático produzido durante a pesquisa ilustrando "vantagem pela altura" (3.ii).

FIGURA 4



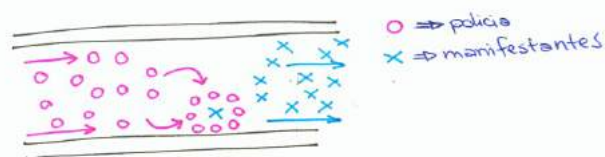
Desenho esquemático produzido durante a pesquisa ilustrando "vantagem pela altura" (3.ii).

FIGURA 5



Desenho esquemático produzido durante a pesquisa ilustrando "cercar" (3.iii).

FIGURA 6



Desenho esquemático produzido durante a pesquisa ilustrando "cercar" (3.iii).

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Nina Lavezzo de. **Cercar**. COMBATE - 26/02/2016. Disponível em: <https://dapolicia.wordpress.com/2016/02/26/cercar/>. Acesso: 29/02/2016.

CARVALHO, Nina Lavezzo de. **Invadir**. COMBATE - 26/02/2016. Disponível em: <https://dapolicia.wordpress.com/2016/02/26/invadir/>. Acesso: 29/02/2016.



CARVALHO, Nina Lavezzo de. **Vantagem pela Altura**. COMBATE - 20/01/2016. Disponível em: <https://dapolicia.wordpress.com/2016/01/20/vantagem-pela-altura/>. Acesso: 29/02/2016.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de fazer. 22ª edição. Editora Vozes, Petrópolis, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: curso no Collège de France (1975 - 1976). São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HAESBERT, R. **Viver no Limite**. Território e Multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Lutas Sociais, São Paulo, n. 29, p. 73-89. 2012.

**JUNHO: o mês que abalou o Brasil**. Direção: João Vainer. TV Folha, 2014. São Paulo, Brasil. 1h12min.

**La rebelión pingüina**. Direção: Carlos Pronzato. Chile, Espanha e Islândia, 2007. 40min.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o Político**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MOUFFE, Chantal. **The Democratic Paradox**. Verso: London, 2000.

MOUFFE, Chantal. **The Return of the Political**. Verso: London, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a Cidade**. Introdução ao Planejamento e Gestão urbano críticos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

**The Architecture of Violence**. Rebel Architecture. Direção: Woody James. Filmagem: Ana Naomi de Souza. Al Jazeera English, 2014. 25min.

**The Square**. Direção: Jehane Noujaim. Noujaim Films, Worldview Entreteniment, Roast Beef Productions. Egito, Estados Unidos e Reino Unido, 2013. 1h48min.

TSCHUMI, Bernard. **Architecture of Disjunction**. MIT Press :Cambridge, 1996.

**Uprising**. Direção: Fredrik Stanton. Rebellion Films, Estados Unidos, 2012. 1h25min.

**Winter on Fire: Ukraine's Fight for Freedom**. Direção: Evgeny Afineevsky. Afineevsky - Tolmor Production, Campbell Grobman Films, Netflix. Estados Unidos, Reino Unido e Ucrânia, 2015. 1h42min.